

Imprensa regional, meios digitais e a (nova) diáspora

Regional press, digital media and the (new) diaspora

José Ricardo Carvalheiro*, Ricardo Morais**, Giovanni Ramos*

*University of Beira Interior/LabCom, Covilhã

** University of Beira Interior/LabCom, Covilhã; IADE-Universidade Europeia

Resumo

Esta pesquisa assenta nas noções de diáspora, imprensa e digital, cuja interseção aponta para um cenário específico dos nossos dias. Um cenário de circulações composto ao mesmo tempo por pessoas, lugares, tecnologias, órgãos de comunicação e formas simbólicas. Uma geografia complexa e multidimensional, ligada por subjetividades e processos comunicativos, da qual também fazem parte os jornais regionais, tradicionalmente tidos como importante elo da diáspora portuguesa. Neste artigo indagamos qual a cobertura jornalística que tem sido dada pelos meios de comunicação regionais à diáspora num contexto já marcado pela digitalização e pela emigração de novas gerações. Para isso, empreendemos uma análise de conteúdo nas edições online de onze meios de comunicação da região Centro. Com base num corpus de 170 peças sobre emigração e através de um conjunto de variáveis, observamos que os *media* regionais continuam a fazer uma cobertura jornalística da diáspora limitada no tempo, destacando os atores e agentes institucionais e relegando, em muitas situações, para segundo plano o papel e a voz dos emigrantes. Apesar das oportunidades introduzidas pelo digital, verificamos que os projetos jornalísticos não têm tirado proveito dessas possibilidades para criar uma nova “rede de correspondentes” e outras formas de interagir com os emigrantes, mantendo assim um limitado acesso à diáspora.

Palavras-chave: Diáspora; Emigração; Jornalismo Regional; Media digitais

Abstract

This research is based on the notions of diaspora, press, and digital communication, whose intersection now points to a specific scenario. A scenario of circulations composed at the same time by people, places, technologies, communication organs and symbolic forms. Complex and multidimensional geography, linked by subjectivities and communicative processes, which also includes regional newspapers, traditionally considered as an important link in the Portuguese diaspora. In this article, we ask what journalistic coverage is given to diaspora by the regional media in a context already marked by the digitalization and the emigration of new generations. To this end, we undertook a content analysis in the online editions of eleven media outlets in the center region. Based on a corpus of 170 pieces on emigration and through a set of variables, we observe that the regional media continue to cover journalism in the diaspora limited in time, highlighting the actors and institutional agents and relegating, in many situations to the background, the role and voice of emigrants. Despite the opportunities introduced by digital technologies, we find that journalistic projects have not taken advantage of these possibilities to create a new “network of correspondents” and other ways to interact with emigrants, thus maintaining limited access to the diaspora.

Keywords: Diaspora; Emigration; Regional Journalism; Digital Media

Introdução

Portugal é um país marcado pela emigração como traço estrutural da demografia e do imaginário e tradicionalmente a imprensa regional operou como um dos laços entre a origem e as comunidades no estrangeiro. Mas hoje, sobretudo as regiões periféricas têm um problema de público na imprensa local e ele tende a agravar-se com o cosmopolitismo dos ambientes simbólicos das gerações jovens, sendo que uma parte destas engrossou também os fluxos migratórios durante a última década, reconfigurando uma nova diáspora e usos não tradicionais dos *media*.

Neste campo, o conceito de diáspora digital tem permitido perceber a existência de redes informais em que migrantes participam com finalidades culturais, económicas ou políticas e que tanto envolvem o país de origem como os de destino ou os circuitos da própria comunidade em múltiplos territórios. Uma dimensão especialmente ativa no contexto das diásporas é a dos laços de afeição e o suporte pessoal e familiar funcionando em redes de “polimedia” digitais (Madianou & Miller, 2012).

Este cenário retira centralidade às organizações noticiosas, mas não deixa de haver cruzamentos entre as questões coletivas e as pessoais, bem como entre as dimensões afetivas e as identidades culturais em que se inclui as regiões de origem. Neste contexto, uma questão que se coloca é a de saber se os meios regionais participam como atores deste processo e se tentam funcionar como lugares de encontro da diáspora digital, ou se optam por se manterem à margem. Para responder a esta questão, nesta pesquisa faz-se um levantamento de iniciativas e conteúdos jornalísticos relacionados com as comunidades no estrangeiro nas edições online de onze meios de comunicação da região Centro. Este corpus engloba o conjunto dos órgãos mais profissionalizados do Centro do país e os que possuem secções especificamente dedicadas às comunidades emigrantes ou ao estrangeiro. Nos *media* analisados foi possível identificar, através da procura por expressões específicas nos títulos ou nos primeiros parágrafos, um total de 170 peças, que foram analisadas através de 27 variáveis, divididas em quatro grupos: identificação; caracterização na relação com a diáspora; utilização de elementos multimédia; possibilidades de participação e interação. Os dados foram codificados com recurso ao software SPSS e os principais resultados são apresentados no sexto ponto deste trabalho, depois dos procedimentos metodológicos e de um enquadramento teórico estruturado em quatro eixos: a diáspora e a sua evolução; a relação entre os *media*, o local e a emigração; as possibilidades da comunicação digital; a configuração de uma diáspora digital no contexto de um novo ecossistema mediático.

As dimensões transnacionais e a diáspora

O enquadramento que serve de fundo comum aos nossos três eixos conceptuais é fornecido pelas teorias da globalização, não como uniformização ou “aldeia global”, mas como incremento da interdependência entre fenómenos (Robertson, 2000). Em particular, abordagens integradas das várias dinâmicas transnacionais, como a de Appadurai, propõem-se romper o apriorismo epistemológico das sociedades nacionais e, simultaneamente, maleabilizar as compartimentações disciplinares das análises globais. Em lugar do clássico tratamento em separado das migrações ou dos produtos culturais, perspetivam-se “paisagens fluidas” em que migrantes, *media* e tecnologias formam lógicas ao mesmo tempo próprias e interrelacionadas, mas cada vez menos isomórficas (Appadurai, 1996). Neste sentido, podemos vislumbrar uma variedade de relações possíveis – tendencialmente mais plurais e menos estáveis – entre migrantes, fluxos de informação e canais mediáticos.

O conceito de diáspora pressupõe, por seu lado, subjetividades forjadas por uma mesma origem e mantidas em territórios distintos, carregando em si o contraponto entre as ideias de dispersão e de comunidade. Algum abuso do termo tem-no usado para designar qualquer grupo estendido para além de um Estado-nação ou mesmo uma comunidade de migrantes num único destino (por exemplo, “a diáspora portuguesa em Paris”). Neste texto, o conceito pretende referir-se rigorosamente à existência de migrantes de proveniência comum, espalhados por múltiplos países e mantendo ligação a formas de produção e consumo

cultural relacionadas com a origem (Vertovec, 1997), onde se podem incluir também os seus descendentes. Esta noção não implica que se trate de comunidades coesas e homogéneas ou de indivíduos restringidos à sua identidade originária ou ancestral de forma imutável, e muito menos limitados a práticas culturais internas à diáspora.

Nas últimas décadas constituiu-se um campo de estudos sobre *media* e diáspora (Georgiou, 2007), mas boa parte da pesquisa feita em sociedades centrais parece utilizar o termo simplesmente como sinónimo de grupos migrantes, na perspetiva da integração e da diversidade ou da mobilização e reconhecimento de minorias étnicas. Estes estudos são obviamente muito importantes e têm sido um terreno onde a tradição etnográfica contribui para dar densidade cultural ao estudo das audiências. Mas quer a volatilidade transnacional dos movimentos laborais quer a comunicação digital têm vindo a acentuar que as diásporas não se fazem só da dicotomia entre inserção-na-sociedade-de-destino e ligação-com-a-sociedade-de-origem, mas que também são feitas de relações entre pontos diversos de uma comunidade disseminada, em que “as conexões laterais e descentradas podem ser tão importantes como as que se formam em volta da teleologia origem/retorno” (Clifford, 1994, p. 306).

Por outro lado, as paisagens culturais, tecnológicas e mediáticas que autorizaram a emergência de conceitos como o de desterritorialização e que permitiram o vislumbre de “comunidades virtuais” não dizem tudo acerca das diásporas, uma vez que, ao contrário de outras, elas não são comunidades desterritorializadas no sentido de o lugar se ter tornado irrelevante e de existirem independentemente da noção de espaço. Uma componente crucial das diásporas é precisamente a relação com, pelo menos, a memória de um lugar e daquilo que com ele se conota, ou mesmo com a imaginação de um lugar que até pode nunca ter sido vivido (no caso das gerações posteriores à migração). No fundo, a atual condição das diásporas – muito diversa da dos períodos históricos em que as migrações significavam um definitivo refazer da vida e um profundo corte comunicativo com a origem – corresponde à faceta típica da modernidade que é separar e recombinar espaço e tempo e assim conectar o local e o global em formas flexíveis e variáveis (Giddens, 1990).

Os *media*, o local e a emigração

É neste contexto que nos interessa explorar as ligações da diáspora ao eixo dos *media* que está habitualmente mais ligado à ideia de lugar, que é a imprensa local ou regional. Ao estudar esta imprensa “de proximidade”, Carlos Camponez (2002) não deixa de relevar o carácter específico das comunidades geográficas que são os tradicionais contextos dos meios regionais, mas o autor nota também dois aspetos que vão além da geografia. Em primeiro lugar, considera que os *media* locais incluem um modelo comunicativo destinado a preencher o espaço existente entre a comunicação interpessoal e a comunicação em massa (com as suas lógicas industriais de produção e difusão). Trata-se de “uma forma de comunicação que emerge das mesmas mesas de café, das mesmas ruelas, das mesmas reuniões familiares onde quotidianamente se recria a comunidade” (Camponez, 2002, p. 95) e onde se dá um peso importante a temas ritualizados como a morte e os momentos de celebração. Em segundo lugar, aquilo que em última análise define a imprensa regional não é uma geografia previamente dada, mas “um território definido como um espaço de comunicação”, que “resulta do seu compromisso específico” e que permite “pensar a imprensa

regional para além do espaço físico, (...) como um espaço dizível, que transforma o território numa gramática própria” (idem, pp. 273-274). É o discurso que constitui a região através de um certo tipo de pacto comunicacional e que, no caso português, costuma incluir um jornalismo de empenhamento social face a um território (construído como) comum.

A natureza territorial desta imprensa pode também ser vista pelo prisma da coincidência entre as várias dimensões (produção, conteúdo e receção) da esfera jornalística. Neste sentido, podemos entender que o jornalismo é local quando “aqueles que o protagonizam como sujeitos, aqueles que o exercem como profissionais e aqueles que são os destinatários do objeto informativo partilham uma mesma comunidade” (Labella, 2010, p. 15). A matéria noticiosa desta imprensa (ao contrário da nacional e internacional) tende, pois, a cingir-se àquilo que se passa naquele território ou que é protagonizado por membros daquela comunidade, sendo essa pertença partilhada por jornalistas e públicos.

Interessa, porém, notar que o tecido da imprensa local em Portugal se caracteriza por uma proliferação de pequenos jornais espalhados pelo país, muitos dos quais com estruturas pouco profissionalizadas (Correia et al., 2014) e com uma área de implantação restrita ao âmbito de uma localidade ou de um concelho. Cabe por isso distinguir entre as noções habitualmente intercambiáveis de imprensa local e regional, tomando a primeira como essencialmente concelhia e a segunda como aquela cujo território comunicativo pretende ser mais vasto, abrangendo vários concelhos ou até distritos. É óbvio que a profissionalização jornalística está mais presente nos *media* regionais do que nos locais, mas ainda hoje é relativamente escassa em termos gerais e praticamente só existe desde a década de 1980. Isto significa que a constituição dos laços da imprensa local e regional com a diáspora portuguesa formada nos anos 60 assentaram num quadro em que os jornais funcionavam essencialmente numa tradição publicista ligada às elites locais e com uma colaboração amadora na produção noticiosa que se baseava em correspondentes que residiam nas aldeias e vilas.

A tradição publicista (Correia, 1998) terá contribuído para o carácter identitário e engajado face ao território em que se moldaram estes jornais e terá também sido um fator a alimentar a identificação localista ou regionalista na diáspora. O noticiário aldeão, a necrologia, os rituais e eventos da vida local tiveram, durante décadas, na imprensa regional uma importante via de atualização informativa da diáspora acerca do que aí se passava e cujo conhecimento permitia aos emigrantes regressar (geralmente de férias) com um menor desfasamento da realidade (Cunha, 2009). O próprio Estado português reconheceu em 1988, através do estatuto da imprensa regional, que estes jornais tinham como função “proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respectivas localidades e regiões” (Decreto-Lei 106/88).

Numa época de difíceis comunicações interpessoais a longa distância, receber o jornal “da terra” pelo correio também era, no seio da emigração dos anos 60 e 70, um indicador da prevalência de identidades locais. Essa identidade deveu muito às circunstâncias de a emigração ser então composta sobretudo por trabalhadores manuais de zonas rurais, cuja experiência prévia era eminentemente restrita ao universo aldeão e que no início se agruparam por local de origem no país de destino, prolongando essa noção de pertença – com a ajuda ainda dos movimentos anuais de regresso à aldeia e das numerosas associações recreativas de carácter regional existentes na diáspora, cujas atividades indicavam fortes laços com costumes do calendário agrícola, festas populares e procissões (Cunha, 2009, p. 81). No pós-1974, desenvolvem-se

também ligações institucionais ao nível municipal, com geminações entre localidades e intercâmbios ao nível da cultura popular.

Os *media* transnacionais e a comunicação digital

A relação entre a diáspora portuguesa e os *media* foi-se desdobrando numa paisagem cada vez mais plural ao longo das últimas décadas (cf. Ferreira, 2016). Depois de muito tempo cingido a emissões de rádio em onda curta e aos jornais que chegavam ao estrangeiro, o consumo de *media* portuguesas na diáspora alargou-se significativamente na década de 1990 com os canais de televisão transnacionais (RTP e SIC “internacionais”) que passaram a visar propriamente os emigrantes. Paralelamente à diversificação de fluxos transnacionais, foram proliferando órgãos que no país de acolhimento são habitualmente denominados “comunitários” ou “étnicos”, como estações de rádio e numerosas publicações impressas, muitas delas iniciadas em meios associativos, católicos ou sindicais, outras com origem mais recente em meios empresariais, incluindo projetos bilingues e visando público português instalado em vários países. Nos anos 90, o campo da imprensa especificamente de e para a emigração registava 179 jornais a nível mundial (cf. Cunha, 2009, p. 82).

Mas quer os jornais da própria diáspora (nela gerados ou a ela dirigidos), quer os jornais generalistas de Portugal (com exceção dos desportivos) pautaram-se geralmente por baixos consumos na emigração, ao passo que alguns jornais regionais colocavam na diáspora uma percentagem apreciável das suas tiragens – aproximando-se ou superando os 10%, em inícios dos anos 2000, nos casos do Jornal do Fundão, Região de Leiria, Reconquista e Badaladas (ibidem, p. 262).

Se bem que se deva distinguir entre o campo dos fluxos transnacionais (que contribuem potencialmente para a ligação da diáspora com o território português e para um sentimento de pertença à nação) e o campo de *media* das comunidades (que trata em grande medida da condição dos portugueses nos países de destino), existem órgãos que combinam as duas orientações e, seja qual for a lógica de cada órgão, a imprensa regional portuguesa não deixa de se confrontar na diáspora com um ecossistema mediático que hoje possui maior multiplicidade e também com um paradigma digital onde os consumos e as práticas dos próprios públicos se reconfiguraram grandemente.

Podem apontar-se sinteticamente algumas características gerais do ambiente comunicativo hoje inescapável para uma imprensa que ainda foi moldada numa lógica da difusão dentro de coordenadas espaço-temporais anteriormente mais rígidas, tais como: (1) a consolidação de uma estrutura comunicativa em rede, menos hierarquizada, mais aberta e dinâmica (Castells, 2000; 2001), que corrói a posição outrora central dos órgãos jornalísticos e a sua capacidade de controlar os fluxos noticiosos entre as instituições produtoras e os públicos; (2) a saliência de dinâmicas de remediação e disseminação de conteúdos (Bolter & Grusin, 2000; Jenkins et al., 2013), que desafia a ideia de notícia como produto mediático final e confere relevância aos públicos enquanto agentes de circulação e transformação de objetos simbólicos; (3) a expansão de mediações multidirecionais, com base em tecnologias que envolvem vários polos potencialmente ativos (Thompson, 2018), em que múltiplos atores co-constroem teias de ligações continuamente variáveis e onde se amplia imensamente o leque, a velocidade e a versatilidade de ligações entre os próprios públicos.

Nestas condições, importa perceber o “regime circulatório” transnacional (Archetti, 2019) em que estão envolvidos os próprios processos de produção e interação dos jornais regionais, particularmente no que respeita a temas relacionados com a diáspora. Não são só jornalistas e editores, mas também fontes, membros do público, colaboradores e outros *media*, que constituem um espectro alargado de atores potenciais, bem como as ligações que entre eles se estabelecem e as circunstâncias em que ocorrem, e que caracterizam um dado regime de circulação que importa mapear.

Diáspora digital e ecossistema mediático

Recordando que as diásporas sempre foram mediadas por um conjunto variado de processos e de artefactos (desde cartas e fotografias até gravações áudio enviadas por correio), Ponzanesi e Leurs (2014, p. 12) apontam modificações comunicativas que a digitalização trouxe às diásporas, como sejam a perda da tangibilidade de objetos com grande carga afetiva, mas também a radical redução ou eliminação dos lapsos de tempo implicados nessas “travessias”, assim como a banalização de ligações – caso das chamadas telefónicas – que antes só eram usadas excecionalmente devido ao seu custo.

Ao reorganizar a relação do território com os espaços comunicativos em modos flexíveis e dinâmicos (correspondentes à presente fase do capitalismo), o atual ambiente mediático não altera só a natureza material e temporal da experiência diaspórica, mas também agiliza novas geografias, onde crescem as trocas comunicativas entre elementos da diáspora ou entre núcleos dispersos por diferentes territórios. O conceito de diáspora digital (Siapera, 2014; Alonso & Oiarzabal, 2010) tem sido mobilizado precisamente para dar conta da existência dessas redes informais e pode ser definido como: “um grupo de imigrantes ou descendentes que usa a conectividade das tecnologias da informação para participar em redes de contactos virtuais (...) que na maior parte, podem dizer respeito ao território de origem, ao de acolhimento ou a ambos...” (Laguerre, 2010, p. 50).

Por outro lado, é hoje crucial perceber “como cada meio encontra um nicho em relação com as propriedades de outros meios coexistentes”, um cenário que está inerente ao conceito de *polimedia* e ao olhar “horizontal” proposto por Madianou e Miller (2012, p. 124) no estudo das migrações. Esta teoria põe a tónica “na pluralidade e proliferação sem precedentes de meios de comunicação”, em que a natureza de cada meio é “alterada pelo ambiente mais amplo de *polimedia*, dado que passou a existir um regime de contraste, mas também de sinergia, com todos os outros” (idem, p. 125). O ambiente *polimedia* não é um mero leque de potencialidades tecnológicas, mas sim uma série de géneros culturais e de registos emocionais que fazem com que a exploração de qualidades particulares dentro dos meios disponíveis se tornem diferenças significativas em termos da comunicação ao serem exploradas pelos utilizadores para situações diversas (idem, p. 148). Por uma questão geracional e pelo contexto tecno-cultural, também os atuais fluxos emigratórios portugueses terão predisposição para se moverem em práticas polimediatas.

Representações da diáspora: objeto empírico e procedimentos metodológicos

Para se perceber a relação entre a imprensa regional e a diáspora, um primeiro aspeto que precisa de ser investigado empiricamente é saber qual a representação da emigração e dos emigrantes portugueses nos jornais regionais. Esta é uma matéria praticamente por estudar desde que Aníbal Alves (1984), há cerca de 40 anos, fez uma análise qualitativa do tema na imprensa do Minho.

Na medida em que a década de 2010 voltou a intensificar os fluxos emigratórios portugueses e insuflou a diáspora com novas gerações, torna-se ainda mais pertinente perguntar: Que cobertura jornalística tem sido dada pela imprensa regional à emigração e à diáspora? Na tentativa de dar resposta a esta questão, definimos como período de análise os anos que mediaram entre a intervenção financeira internacional (2011) – que desencadeou um pico de recessão económica – e o ano de 2018, incidindo assim sobre um intervalo temporal em que o número de saídas do país foi muito expressivo.

Quadro 1: Dados sobre a emigração portuguesa entre 2011 e 2018

Ano	Emigração Total	Emigração Permanente	Emigração Temporária
2011	100.978	43.998	56.980
2012	121.418	51.958	69.460
2013	128.108	53.786	74.322
2014	134.624	49.572	85.052
2015	101.203	40.377	60.826
2016	97.151	38.273	58.878
2017	81.051	31.753	49.298
2018	81.754	31.600	50.154
TOTAL	846.287	341.317	504.970

(Fonte: Observatório das Migrações)

Tendo em conta o foco teórico, na relação com o digital, definimos como universo de análise as publicações periódicas da Região Centro¹ que estão registadas na Entidade Reguladora da Comunicação (ERC) como tendo suporte online. Para constituição do *corpus*, este universo (de mais de 300 *sites*) foi depois filtrado através de um conjunto de critérios que levou à seleção apenas de órgãos de informação geral com um mínimo de profissionalização – três ou mais elementos com Carteira Profissional de Jornalista – ou que, embora menos profissionalizados, têm secções indiciadoras de potencial atenção às “comunidades” portuguesas no estrangeiro. Daqui resultou um *corpus* de análise composto por 11 títulos regionais, dividido em dois subcorpus: um com 7 jornais mais profissionalizados (“As Beiras”, “Jornal do Fundão”, “Reconquista”, “Região de Leiria”, “Terras da Beira”, “Jornal da Bairrada” e “Terras de Sícó”); outro com 4 sites de menor profissionalização (“Dão e Demo”, “Jornal de Oleiros”, “Mira Online” e “Centro TV”).

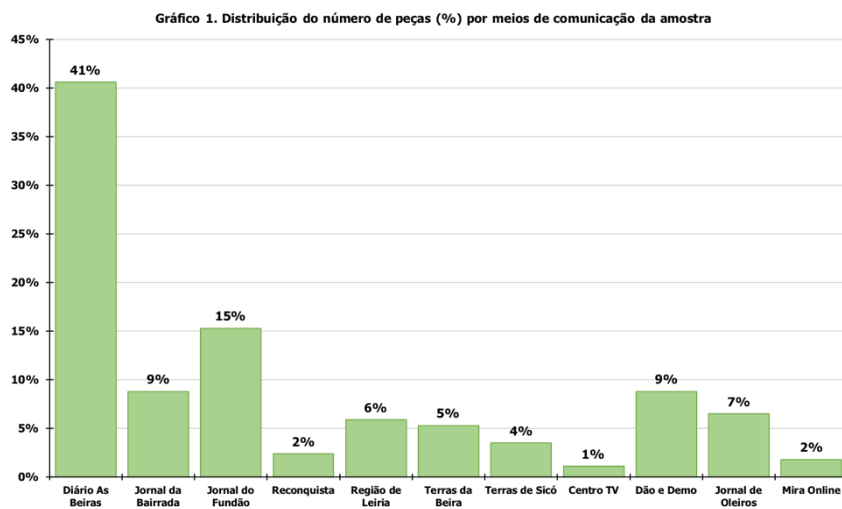
Como método de investigação elegemos a análise de conteúdo e tomámos como unidade de análise a peça jornalística sobre a diáspora, que foi definida em função da presença de um conjunto de expressões nos

¹ A escolha da região corresponde à área de atuação do Projeto Re/media.Lab, em curso na unidade de investigação LabCom, da Universidade da Beira Interior entre 2018 e 2021, e no qual esta pesquisa se insere.

títulos ou nos primeiros parágrafos (emigração, emigrantes, diáspora, comunidade portuguesa) e na condição de a peça ter a emigração ou a diáspora como constitutivas do seu principal ângulo de abordagem. A recolha foi feita através de motores de busca online para cada um dos *sites*, dentro do intervalo temporal considerado.

No entanto, importa realçar que os procedimentos adotados para a identificação das peças apresentam limitações, nomeadamente porque decorrem dos resultados apresentados pelos motores de busca. Apesar de os termos de pesquisa utilizados terem sido sempre os mesmos em todos os sites dos meios de comunicação analisados, verificámos que existem flutuações nos dados apresentados, que não foi possível controlar, pelo facto de estarem relacionadas com os próprios métodos e sistemas de arquivo utilizados em cada site, o que em última instância acaba por condicionar o acesso a peças mais antigas e afetar a representatividade do *corpus* de análise. Neste contexto foram recolhidas 170 peças, distribuídas de forma desigual por cada um dos *media* da amostra.

As peças que constituem o *corpus* foram submetidas a uma grelha de análise constituída por 27 variáveis através da qual se procuram identificar aspetos como os géneros jornalísticos privilegiados, o foco geográfico dos acontecimentos, os temas a que os emigrantes são associados, os principais atores das peças, ou as características digitais usadas pelos jornais regionais no tratamento da diáspora (recursos de hipertextualidade, multimedialidade, interatividade e participação).



Seguiu-se depois o processo de categorização das peças, sendo importante destacar que os três autores procederam à codificação de dados, ou seja, nenhum codificador teve acesso exclusivo a um conjunto de dados, o que contribuiu, juntamente com o pré-teste realizado², para garantir a fiabilidade da pesquisa. Depois de explicarmos os procedimentos metodológicos seguidos, no ponto seguinte apresentamos as principais inferências que os dados nos permitiram tirar.

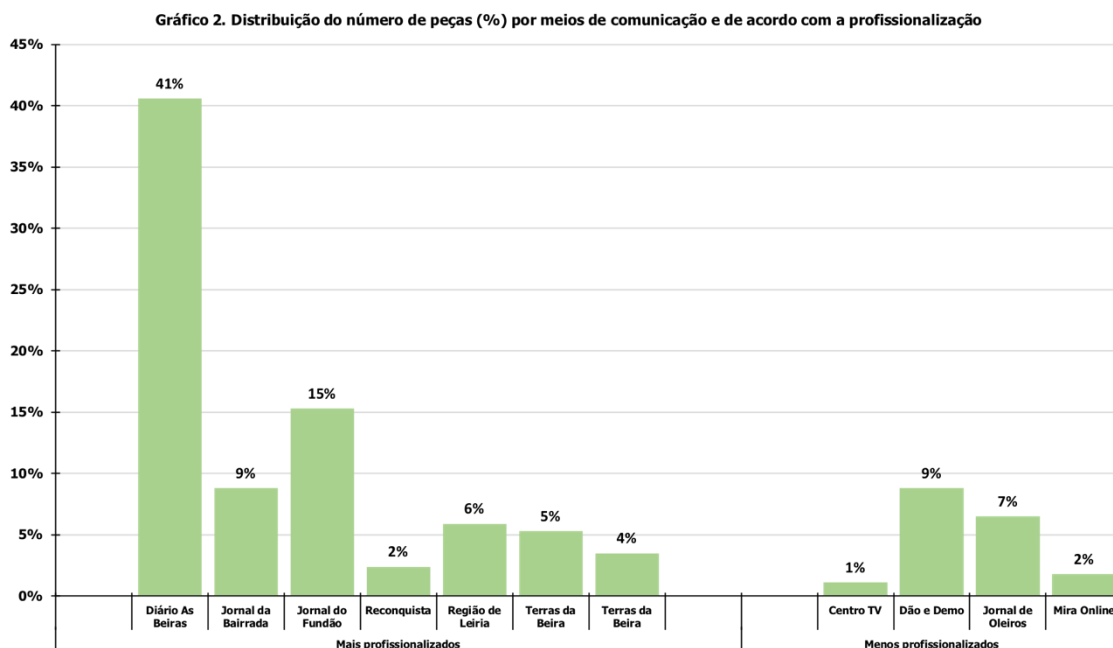
² A grelha de análise, com as respetivas variáveis e categorias, foi construída a partir do quadro teórico que serve de suporte a esta investigação, mas teve também em conta o pré-teste realizado pelos autores, que analisaram um conjunto de peças, sobre as mesmas temáticas e em igual período de análise, publicadas num meio de comunicação regional que não faz parte da amostra deste trabalho (Diário do Minho). Esse teste permitiu realizar melhorias na grelha e ajudou a garantir a objetividade e fiabilidade do processo de codificação.

Cobertura jornalística da emigração e da diáspora: análise e interpretação dos dados

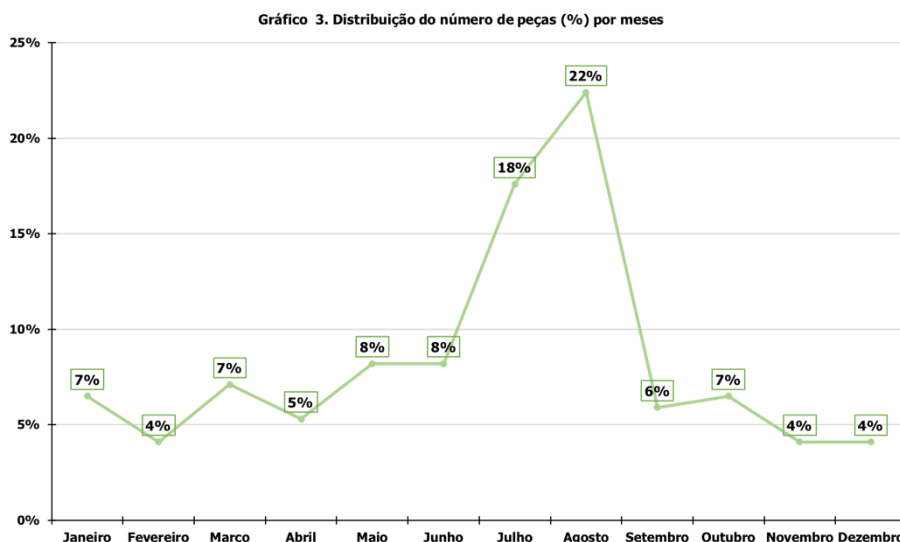
No *corpus* de análise considerado para este estudo, constituído por onze meios de comunicação regionais, identificámos um total de 170 peças sobre a emigração e a diáspora. Neste contexto, o primeiro aspeto que merece destaque prende-se com a distribuição do número de peças por meios de comunicação. O “Diário As Beiras” é, no contexto da análise realizada, o meio em que conseguimos encontrar maior número de peças sobre a emigração e a diáspora no site (41% do total de peças recolhido). Em segundo lugar surge o “Jornal do Fundão” (15% do total de peças) e em terceiro dois meios, o “Jornal da Bairrada” e o “Dão e Demo” (9% do total de peças). Mesmo tendo em conta as questões já referidas de acesso aos arquivos, importa destacar que foi nos sites destes meios que encontramos mais peças de acordo com os critérios de pesquisa utilizados.

Na distribuição do número de peças por anos, verificámos igualmente problemas no acesso aos arquivos online, dificuldades que acabaram por restringir a aleatoriedade da amostra em relação aos anos mais distantes. Talvez por este motivo se tenha verificado maior número de peças nos últimos anos do período analisado (50% são de 2017 e 2018). No entanto, se considerarmos os dados do Observatório das Migrações, foi nos primeiros anos da crise económica que o maior número de pessoas decidiu emigrar, o que em termos de cobertura jornalística podia prever maior número de peças neste período, situação que não se verifica nos *media* analisados. Se esta interpretação aponta no sentido de existirem limitações em termos de acesso às peças no arquivo online, por outro lado, não devemos ignorar a possibilidade de uma cobertura distinta por parte dos meios regionais, nomeadamente nos anos mais recentes, direcionada para o regresso de muitos emigrantes ao país. Esta é apenas uma hipótese que pode ajudar a explicar a distribuição do número de peças por anos e que tem em conta os procedimentos da pesquisa, mas também os diferentes momentos da emigração e a cobertura mediática.

Considerando ainda o número total de peças, mas também os profissionais de cada meio de comunicação, critério utilizado na seleção do *corpus* dos meios regionais, não nos parece que exista uma correlação clara entre o número de profissionais e a quantidade de peças sobre a emigração. Embora a amostra contenha uma média de 20 peças por jornal no grupo dos mais profissionalizados, em comparação com uma média de 8 peças nos menos profissionalizados (apesar de estes terem secções que sugerem uma atenção especial ao estrangeiro), estes resultados, por um lado, podem ser apenas um reflexo da maior produção dos jornais mais profissionalizados na generalidade dos temas, incluindo a diáspora, e, por outro, incluem uma grande disparidade dentro do grupo mais profissionalizado.

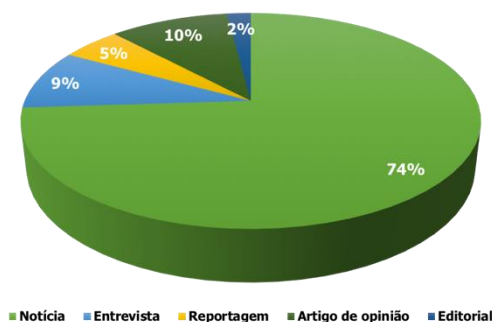


O jornal com maior número de peças sobre emigração é precisamente o jornal com mais jornalistas profissionais (“Diário As Beiras”, cujas 69 peças representam 41% da amostra), mas entre aqueles que dão menor atenção à diáspora também se encontram títulos com uma redação relativamente numerosa (caso do “Reconquista”, com apenas 4 peças na amostra). Embora os dados não apontem no sentido de uma correlação direta entre o número de profissionais e a quantidade de peças sobre a emigração, importa sublinhar que é no grupo dos jornais mais profissionalizados que encontramos a maioria das nossas peças (82% do total), o que pode efetivamente ser não apenas um indicador de maior produção por parte destes meios, mas também de uma maior preocupação com a disponibilização destas peças nos sites, ou seja, o maior número de profissionais pode estar ligado não apenas à produção jornalística, mas também à sua disponibilização online.



Considerando ainda a distribuição das peças em termos temporais, verificámos que, se é sobretudo em 2017 e 2018 que encontramos maior número de trabalhos sobre a diáspora e a emigração, já em termos de meses a tendência é transversal a todo o período da análise e a todos os meios de comunicação, confirmando-se que esta é uma temática sazonal, uma vez que é em julho e agosto que encontramos a maior percentagem de peças, os dois meses juntos perfazendo 40% do total analisado. Estes dados indicam-nos que os meios regionais online analisados tendem a manter os padrões “tradicionais” da mediatização do emigrante durante o Verão, semelhantes aos que Aníbal Alves (1984) detetou em finais da década de 1970 na imprensa do Minho. Neste sentido, podemos considerar que apesar dos fluxos da emigração terem mudado, nomeadamente ao nível do tempo e do espaço, os *media* continuam a dar mais atenção a esta temática num determinado período do ano, que curiosamente é também aquele em que os temas e assuntos que normalmente fazem parte da agenda mediática tendem a escassear. Nesta dimensão não existem diferenças entre os *media*, nem no decorrer dos anos, registando-se, no entanto, que esta tendência de cobertura sazonal se intensifica, entre os meios que fazem parte do estudo, a partir de 2014. Avançando para a análise dos géneros privilegiados para fazer a cobertura da emigração e da diáspora, verificamos que o tratamento jornalístico da emigração é feito sobretudo através dos géneros informativos e, dentro destes, com grande predominância para a notícia, frequentemente de pequeno formato.

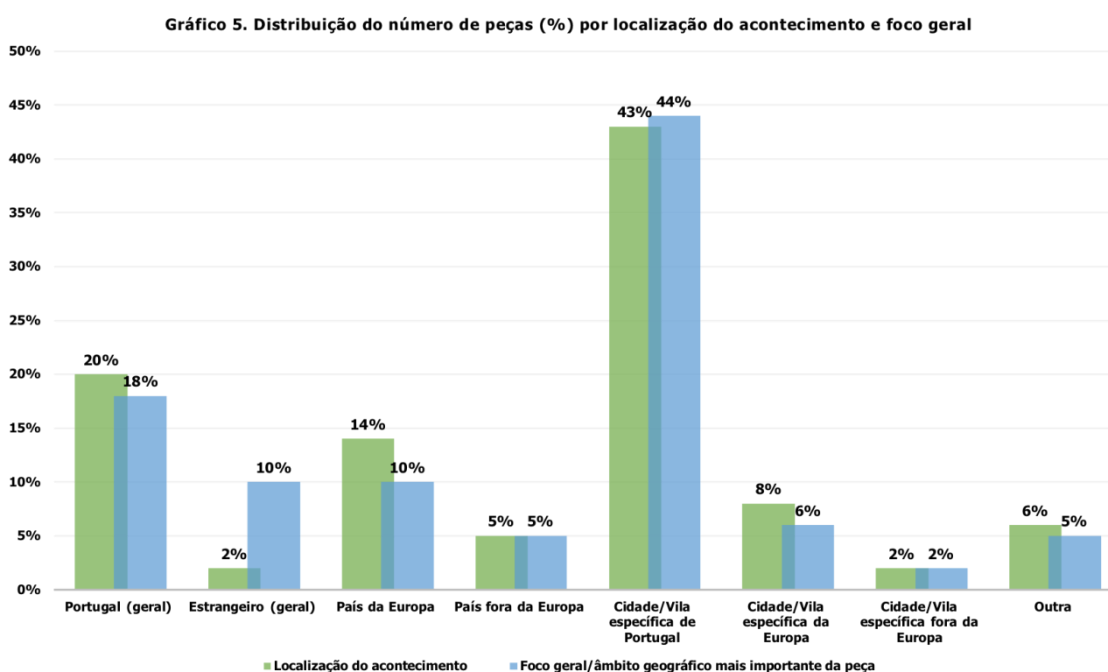
Gráfico 4. Distribuição do número de peças (%) por género jornalístico



Há também pouco investimento em formatos mais longos e na reportagem, género que representa apenas 5% do total da amostra. Não se pode dizer, contudo, que as questões da emigração estejam ausentes dos espaços de argumentação e discussão da imprensa regional, uma vez que artigos de opinião e editoriais perfazem 12% das peças, o que não é despidendo se tivermos em conta a habitual proporção na imprensa atual entre textos de informação e textos de opinião, muito favorável aos primeiros. O facto de existir, em média, mais de um texto de opinião por cada nove peças noticiosas sobre emigração indica alguma apetência dos meios regionais analisados para discutir ou refletir sobre os assuntos relacionados com a diáspora. Importa também destacar que a aposta em formatos mais longos como a reportagem ganha espaço sobretudo nos períodos de Verão e parece por isso estar ligada à sazonalidade da cobertura, mas também à necessidade de produção jornalística durante um período menos carregado em termos de agenda mediática. Já as entrevistas, que representam 9% do total de peças, apresentam uma lógica distinta, uma vez que surgem em maior número nos primeiros meses do ano. Quanto aos artigos de opinião e editoriais, marcam presença nos *media* em praticamente todos os meses do ano, destacando-se um ligeiro aumento durante os meses de julho e agosto. Em relação aos anos considerados na análise, não se verificam mudanças significativas nestas tendências.

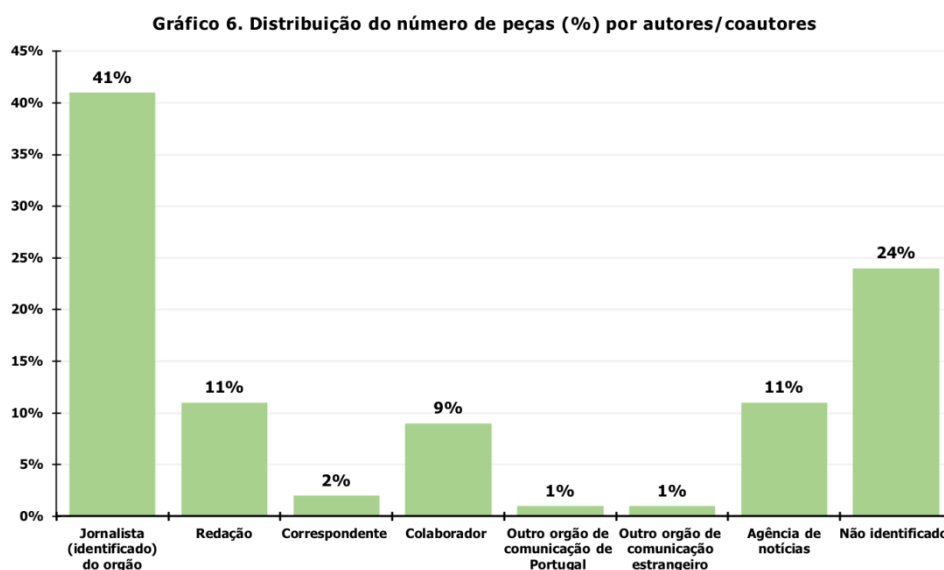
Observando ainda os dados relativos à distribuição das peças por géneros jornalísticos e conscientes das limitações ao nível da recolha, não podemos deixar de destacar que o “Jornal do Fundão” é o meio que apresenta mais reportagens sobre a emigração; o “Jornal da Bairrada” o que realiza mais entrevistas sobre esta temática; e serem três, “Diário As Beiras”, “Jornal do Fundão” e “Jornal de Oleiros”, os meios com mais textos de opinião e editoriais sobre os temas em análise.

De seguida olhamos para a localização dos acontecimentos, ou seja, em que país/região/localidade têm lugar os eventos que são noticiados pelos meios de comunicação, mas consideramos também qual o âmbito geográfico que é dominante nas peças analisadas. Com estes dados procuramos perceber não apenas tendências ao nível dos locais privilegiados na cobertura sobre a emigração, mas também o tratamento dado a essas localizações, uma vez que o local de um acontecimento pode não coincidir com o foco principal da notícia (Ex: “Na assinatura do protocolo, Secretário de Estado considerou diáspora “motor de internacionalização do país” - neste caso, o local onde foi feita a declaração é diferente do âmbito geográfico destacado na peça noticiosa”).



Verificámos que aquilo que é noticiado ou comentado sobre a emigração tem muito mais vezes por base acontecimentos ocorridos em Portugal (em 63% dos casos) do que em países de acolhimento dos emigrantes (31%). Essa tendência (primeiramente verificada através da variável “Localização do acontecimento”) não se prende meramente com o motivo imediato da notícia. Também o ângulo das peças enquadra o assunto no território nacional em 62% dos casos (contra 34% de peças cujo foco principal é dado a territórios não portugueses). O facto de quase dois terços da amostra serem peças com uma marcada centralidade nacional indica que a representação da diáspora nos meios regionais é dominada por aquilo que se passa nas regiões de origem relativamente à diáspora e não tanto na própria diáspora. Este dado também diz algo sobre a atitude e o funcionamento dos meios regionais, enquanto organizações de produção noticiosa, face à diáspora. Em primeiro lugar, a centralidade do território nacional no noticiário

sobre a diáspora sugere que ele assenta predominantemente na mesma estrutura informativa com que os jornais cobrem as suas regiões e que assegura a produção contínua de notícias locais. Sugere, ainda, que o noticiário acerca da emigração não é significativamente baseado em rede de ligações com a diáspora, que não tende a ser dinamizado por jornalistas encarregues de procurar aí informação, de fazer contactos com as comunidades emigrantes e de cultivar fontes regulares na emigração, e que também não tende a apoiar-se em colaboradores presentes nesses mesmos círculos ou em parcerias com jornalistas e órgãos da própria diáspora. Os dados relativos à autoria das peças reforçam esta ideia. O tipo de autores – correspondentes, colaboradores, órgãos de informação estrangeiros – que indicam potencialmente um trabalho jornalístico mais próximo dos contextos da diáspora são, no seu conjunto, responsáveis por apenas 12% das peças.



As agências de notícias têm uma presença não desprezável, surgindo como autoria em 11% das peças, mas, embora possam incluir situações de proximidade à diáspora, neste caso a situação dos jornais é de mera clientela dependente e não implica porem em jogo dinâmicas próprias de produção informativa dirigidas aos círculos da emigração. Verifica-se, além disso, que só uma minoria das peças baseadas em agência diz respeito a acontecimentos ocorridos na diáspora, situando-se a maioria em território nacional. Uma vez que hoje a distância não implica custos significativamente mais altos na recolha de informação não presencial (por e-mail, sites de redes sociais online ou mesmo por telefone, no caso da União Europeia), a hipótese explicativa para a baixa proatividade dos meios regionais na cobertura da diáspora poderá residir em não a considerar como uma prioridade, relegando-a para segundo plano num quadro de escassez de tempo e recursos humanos nas redações. Outro indicador de baixa proatividade dos *media* na recolha de informação sobre a diáspora é o facto de o género jornalístico esmagadoramente dominante ser a notícia (74% das peças). Isto sugere que a regra é os meios dependerem de acontecimentos salientes (com carácter de rutura face ao normal ou sugeridos por agendas externas) e que poucas vezes a diáspora suscita a realização de trabalhos com maior grau de iniciativa própria das redações, como geralmente são as reportagens e as entrevistas (dois géneros que, em conjunto, perfazem apenas 14% do total de peças). Importa também destacar que em 24% das peças não é possível identificar os autores, o que não nos permite saber quem elaborou essas peças, nem quem eventualmente nelas colaborou. A não identificação

dos autores e/ou coautores de quase um quarto do total de peças, entre as quais várias cuja localização é no estrangeiro, é outro fator a ter em conta na análise da relação dos meios analisados com as fontes na diáspora.

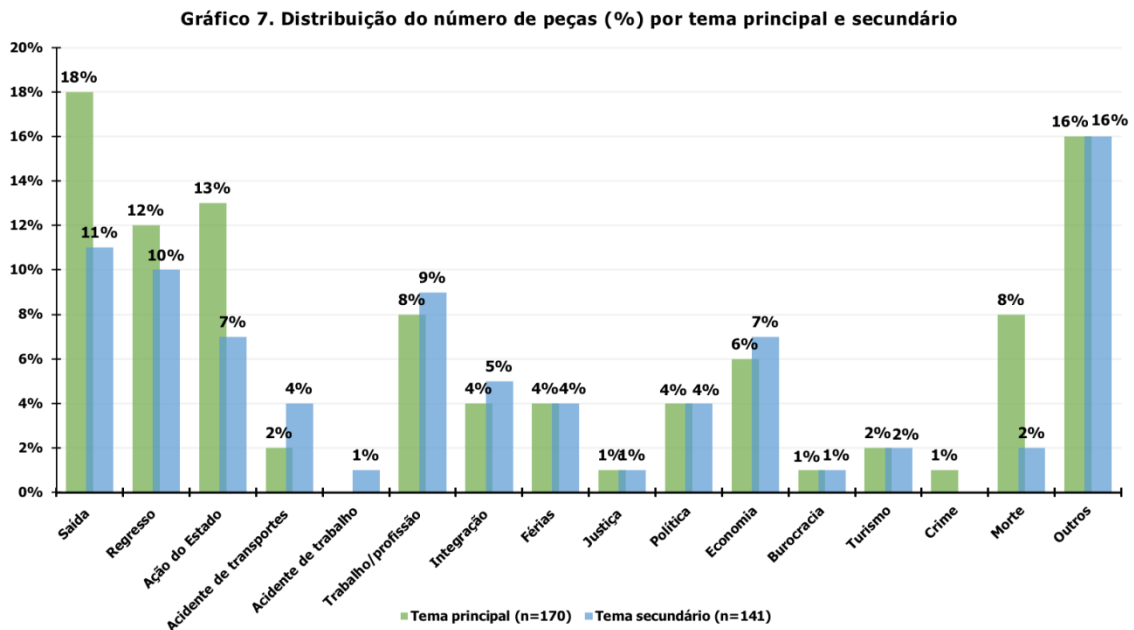
Em termos de meios de comunicação é interessante verificar aqueles que apresentam maior número de trabalhos identificados, mas também os que mais trabalham estas temáticas em colaboração. O "Diário As Beiras", apresentando maior número de peças no total, é também o meio onde os jornalistas mais assinam as peças relacionadas com a diáspora. Já a identificação de peças como tendo sido elaboradas pela redação destaca-se no "Terras da Beira". Os correspondentes são pouco utilizados; já os colaboradores são utilizados sobretudo pelo "Diário As Beiras", bem como as agências de notícias. É no "Jornal do Fundão" que se encontram o maior número de peças sobre emigração não identificadas.

Um dado adicional acerca da baixa relevância da diáspora na organização dos meios regionais é o conjunto de secções em que as peças são colocadas. Uma pequena minoria (14%) é enquadrada em secções próprias: 4% surgem numa secção intitulada "Comunidades"; 5% dentro de uma denominação equivalente de "Bairradinos no mundo"; e há 5% inseridas em designações mais genéricas, como "Mundo" ou "Internacional". A maioria das peças sobre a diáspora surge, portanto, em secções locais, temáticas ou gerais, o que reflete afinal o facto de muitas delas se referirem a acontecimentos ocorridos nas próprias regiões. A inconstância do fluxo noticioso relativo à emigração também não encorajará a maior parte dos meios a nomearem secções que lhe sejam dedicadas. Neste contexto seria igualmente interessante conseguir dados relativos ao consumo destas peças noticiosas pelos leitores em geral e pelos emigrantes em particular, uma vez que essa informação poderia ajudar-nos a perceber se existe uma potencial relação entre a oferta e a procura. Por outro lado, o facto de não existirem secções estabelecidas para as peças sobre a diáspora, acabando a cobertura sobre a emigração por se encontrar noutras secções, pode afetar a ideia que os consumidores têm em relação a um determinado meio, de que não acompanha esses assuntos, e contribuir para a procura por outros *media*.

Dentro das notícias sobre acontecimentos fora de Portugal é muito maior a noticiabilidade de países europeus (76% das peças referem-se a uma localização concreta no estrangeiro) do que a de outros continentes. Este aspeto pode ser parcialmente entendido à luz dos próprios sistemas de relações entre os diferentes pontos da diáspora e a origem: sabe-se que as "comunidades" existentes no continente americano são tendencialmente mais antigas e com laços menos assíduos com o território português, até por acalentarem menos projetos de regresso. Neste sentido, importa lembrar que nestas comunidades existem projetos jornalísticos dedicados aos emigrantes, o que nos remete para uma lógica distinta, a explorar potencialmente numa outra investigação, que se prende com a cobertura jornalística que é feita por esses meios de comunicação em relação ao país de origem.

Considerando ainda os dados relativos à localização dos acontecimentos, importa destacar, entre os meios de comunicação analisados, aqueles que na sua cobertura sobre a emigração privilegiam os acontecimentos que têm lugar em Portugal e os que por sua vez consideram os acontecimentos no estrangeiro. Assim, se é verdade que o "Diário As Beiras" é o meio da amostra que apresenta maior número de peças sobre a diáspora (41%), uma parte considerável dessas (32%) tem por base acontecimentos que tiveram lugar em Portugal. Os acontecimentos cuja localização é o estrangeiro, países e cidades dentro e fora da Europa, estão na origem de maior número de peças no "Jornal da Bairrada" (10 peças), no "Dão e Demo" (8 peças), no "Jornal do Fundão" (7 peças), no "Região de Leiria" (5 peças) e no "Terras da Beira" (4 peças). No

entanto, como referimos, o foco geral/âmbito geográfico de um acontecimento pode ser distinto da sua localização, situação que se verifica com o “Diário As Beiras”, uma vez que apesar de apenas uma parte das peças deste meio terem origem no estrangeiro, esse é o foco privilegiado numa percentagem considerável (13% do total de 41%). O “Jornal do Fundão” surge neste contexto, de análise do âmbito geográfico dominante, em segundo lugar (5% do total de 15% de peças focam o estrangeiro). A localização dos acontecimentos e o ângulo de abordagem são elementos importantes na análise, assim como a temática das peças.



A análise dos temas principais³ indica bastante diversidade temática, mas a parte mais expressiva da amostra diz respeito aos movimentos migratórios (“Saídas” e “Regressos”), que perfazem 30% das peças. A ação do Estado português, incluindo a dos municípios, constitui o segundo bloco temático mais representativo (13%) e se considerarmos que os assuntos de “Justiça”, “Política” e “Burocracia” também fazem parte desta mesma esfera de relacionamentos dos emigrantes com o aparelho estatal, então obtemos um conjunto temático bastante relevante (19%). As questões relacionadas com “Trabalho” ou com a “Economia” formam um terceiro grupo temático com alguma expressão (14%). Menos presentes, mas ainda com alguma regularidade, registam-se as peças cujo tema principal é a “Morte” (8%). Outras áreas temáticas, como as “Férias” e o “Turismo” (6%), não têm importância correspondente ao pendor sazonal do noticiário ligado à diáspora, o que significa que, se os jornais acentuam a noticiabilidade da emigração durante as férias de Verão, o ângulo principal da sua abordagem não é geralmente esse. Igualmente pouco presente é o ângulo temático da “Integração” (4%), mais um indicador consonante com a menor atenção dos meios regionais em relação ao que se passa com os emigrantes nos países de acolhimento do que na relação com o território nacional.

³ Na codificação do *corpus*, usámos duas variáveis distintas: “Tema principal” e “Tema secundário”. A classificação dos temas foi feita a partir do título (ou do lead, em caso de opacidade do título), levando em conta a ordem de enunciação. Por exemplo, na notícia “324 emigrantes portugueses entraram este ano nas universidades nacionais”, o tema principal é “Regresso”, e o tema secundário é “Ensino”.

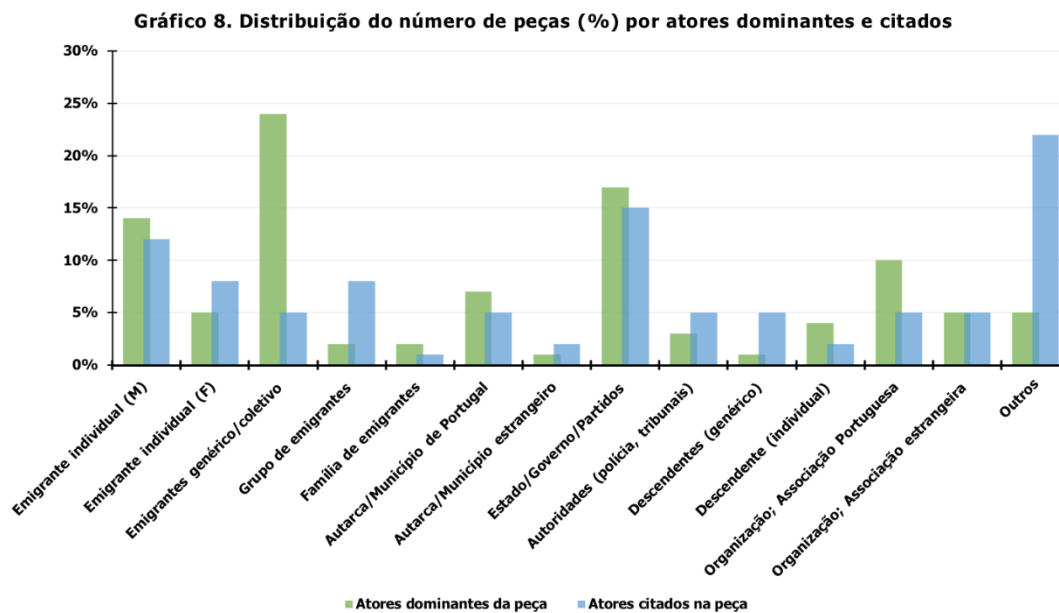
Se acumularmos as variáveis “Tema principal” e “Tema secundário”, vemos que os movimentos migratórios de saída e regresso ultrapassam 50% das peças, constituindo claramente o enfoque predominante da mediatização da diáspora na imprensa regional. Mas a importância relativa dos restantes temas não sofre alterações, já que a esfera estatal confirma a sua presença significativa (32%) e o núcleo temático constituído por “Trabalho” e “Economia” está presente em 30% do *corpus*.

Apesar das tendências verificadas ao nível dos temas das peças analisadas, procurámos perceber se em função da localização dos acontecimentos se poderiam registar mudanças nas temáticas. Através do cruzamento das variáveis “Tema principal” e “Localização do acontecimento” verificámos que as tendências se mantêm em termos da abordagem predominante, sobretudo quando os eventos têm origem em Portugal, seja considerando o país como um todo, seja considerando uma cidade/vila específica. Já quando o local do acontecimento é o estrangeiro, verificam-se algumas diferenças, nomeadamente quando estamos a falar de um país da Europa, onde as peças que abordam o tema da “Morte” e da “Integração” merecem destaque. A temática da “Integração” surge também no topo das peças cuja origem dos acontecimentos é uma cidade/vila específica da Europa. Assim, embora não se registem alterações significativas, verifica-se que a localização do acontecimento pode alterar o tema principal das peças, o que é particularmente relevante se considerarmos que quando os eventos têm lugar no estrangeiro, existe uma certa variação nas temáticas principais das peças.

Podemos verificar que apenas em dois temas a maioria das peças se localizam no espaço da diáspora: no tema da “Morte” e no da “Integração” (com 77% e 86%, respetivamente, das peças desses temas a incidirem fora do território nacional). Em todos os outros temas predominam os acontecimentos localizados em Portugal e em alguns deles (como a “Economia” ou a “Política”) os eventos em território estrangeiro têm uma presença residual. Ainda em relação aos temas principais das peças, importa realçar que o “Diário As Beiras” apresentando maior número de peças no total, regista praticamente o primeiro lugar na cobertura de todas as temáticas, sobretudo as três principais (“Saída”; “Regresso”; “Ações do Estado”), no entanto, devemos referir que a temática da “Integração” é mais abordada no “Jornal da Bairrada”.

Depois da identificação das temáticas, procurámos perceber quem são os atores dominantes em cada um dos trabalhos jornalísticos e se existe uma relação entre os atores que se destacam e aqueles que são efetivamente utilizados nas peças, ou seja, aqueles a quem é dada a oportunidade de falar em posição de destaque.⁴

⁴ Na variável atores citados, quando as peças incorporam discurso de vários atores apenas considerámos aqueles a quem é dada a voz principal.



Os emigrantes, no conjunto das suas várias declinações possíveis (referidos individual ou coletivamente, e incluindo primeira geração e descendentes), são os atores principais em pouco mais de metade das peças jornalísticas (52%), o que significa que, em grande parte da representação mediática da diáspora, a imprensa regional dá primazia a outros atores que não aos próprios emigrantes, nomeadamente aos atores institucionais, que protagonizam 38% das peças, e onde se destacam os membros do Estado e dos municípios portugueses (protagonistas em 24% do *corpus*). Instituições sediadas no estrangeiro protagonizam, por sua vez, 6% das peças. A percentagem de peças em que a voz dos emigrantes se exprime, enquanto principais atores citados, é expressiva, mas minoritária no conjunto do *corpus* (41%). Ou seja, a maior parte da mediatização da diáspora nos meios regionais não se apoia prioritariamente em discursos dos próprios emigrantes.

Cruzando os dados relativos aos atores dominantes e citados em cada peça com o local de cada um dos acontecimentos alvo de cobertura jornalística, podemos verificar que a nível nacional, mesmo quando os emigrantes são os atores dominantes das peças, não são frequentemente os atores mais citados. A situação esbate-se no âmbito internacional, com uma maior correspondência entre os atores dominantes e citados nas peças, que é acompanhada por uma diminuição do protagonismo dos atores e agentes institucionais. Assim, constatamos que, enquanto atores dominantes, os emigrantes protagonizam 68% do total das peças localizadas no estrangeiro, mas apenas 41% das localizadas em Portugal. Este dado indica que, quando a mediatização assenta em território nacional, existe uma frequente subalternização dos emigrantes face a outros atores a quem os *media* regionais eventualmente conferem mais autoridade e/ou que possuem mais capacidade de influir no agendamento mediático e no enquadramento das peças. Olhando para cada um dos meios, importa realçar que é no “Diário As Beiras” e no “Jornal do Fundão” que identificamos mais peças onde os atores dominantes são os emigrantes, mas também que o “Diário As Beiras” e o “Terras da Beira” são os meios que concedem maior protagonismo nas peças ao “Estado/Governo/Partidos”, tendências que se mantêm quando observamos também os dados relativos aos atores citados.

Uma análise ao papel semântico em que o discurso jornalístico coloca os emigrantes (enquanto sujeitos ativos ou passivos)⁵ revela também que a sua representação nos meios regionais os dá a ver sobretudo como destinatários de ações de terceiros (em 61% dos casos). É sabido que a passivação semântica (cf. Van Dijk, 1997) ocorre quando os autores do discurso (neste caso, os jornalistas) concebem determinados atores sociais (neste caso, os emigrantes) enquanto submetidos a atividades desencadeadas por outros (e recetores dos seus efeitos) e não enquanto forças dinâmicas que comandam essas ações. Este aspeto, que envolve questões de poder e de ideologia, reforça a ideia de que é atribuído um papel tendencialmente subordinado aos emigrantes na representação que deles é feita nos meios regionais analisados.

Esta tendência verifica-se também quando cruzamos os atores dominantes da peça com o papel que os migrantes assumem. O que o cruzamento dos dados nos permite verificar é que quando o "Estado/Governo/Partidos" ou as "Associações/Organizações Portuguesas" são os atores dominantes, o papel dos migrantes é passivo (41 peças). Mas o papel mantém-se passivo mesmo quando os emigrantes, ainda que de uma forma genérica, são dominantes nas peças analisadas. Estes dados são corroborados com o cruzamento entre o papel dos migrantes e as temáticas principais das peças. Quando a temática principal são as "Ações do Estado", o papel dos migrantes é passivo, mantendo-se também passivo quando as peças abordam temas como a "Saída" ou o "Regresso". O único tema em que os emigrantes são representados num papel predominantemente ativo é o "Trabalho".

Considerando ainda os dados relativos ao papel dos migrantes nas peças e observando a distribuição por cada um dos meios de comunicação, podemos verificar que apenas nos casos do "Jornal da Bairrada" e do "Jornal do Fundão" o número de peças em que o papel dos migrantes é ativo supera os trabalhos jornalísticos em que o papel que lhes é atribuído é passivo.

Para encerrar a apresentação dos dados consideramos a caracterização das peças em termos da utilização de elementos multimédia, mas também das oportunidades de participação e interação. Os dados recolhidos permitem-nos verificar que predomina um conjunto de ausências ligadas à linguagem multimédia, uma vez que 95% das peças analisadas não contêm hiperligações, mas não apresentam também áudios, apenas estando presentes, por norma, fotografias. Os vídeos, por sua vez, não acompanham nenhuma das peças analisadas. Constatamos igualmente que em 98% das peças não é possível encontrar o email do autor da peça, limitando por isso as possibilidades de estabelecer diálogo com os profissionais dos *media*, nomeadamente por parte dos emigrantes, que em determinadas situações poderiam ser importantes fontes, capazes de acrescentar informação às peças produzidas. Do lado dos elementos que estão presentes em praticamente todas as peças, destaque para as caixas de comentários (disponíveis em 80% das peças analisadas), mas também para os botões que remetem os leitores para os sites de redes sociais (presentes em 79% das peças) e que podem permitir, entre outros usos, a partilha das peças jornalísticas. Considera-se assim que existe uma tentativa de potenciar a interação e a disseminação por parte do público, apesar de se registarem índices muito baixos de participação, uma vez que apenas 10% das peças contêm comentários.

⁵ As categorias ativo e passivo são dadas pela função gramatical (emigrantes são sujeitos ativos na frase, protagonizando uma ação; ou são apassivados, isto é, são destinatários de ações de outrem).

Considerações finais

Os resultados apresentados permitem-nos salientar três notas conclusivas acerca das relações que o conjunto de *media* regionais analisados mantém com a diáspora (ou, pelo menos, que mantinha até 2018). A primeira nota é que a combinação entre a forte sazonalidade da mediatização dos emigrantes e a sua representação como atores tendencialmente passivos e frequentemente subalternizados face a outros agentes e instituições locais ou nacionais indica o seu carácter não prioritário enquanto objeto noticioso por direito próprio e a relevância baixa ou moderada que lhe é dada *per se*. A cobertura da “emigração” na imprensa regional não é claramente centrada no “emigrante”, nas suas experiências e nas suas vozes.

O segundo aspeto – que, além dos padrões de localização das peças, também pode ser inferido pelos dados relativos à autoria, à ausência de secções próprias e ao (não) uso de algumas ferramentas *online* – é a inexistência de estratégias consistentes para uma cobertura jornalística da diáspora, que vá para além das rotinas locais e que incorpore formas extraterritoriais de recolha de informação e de interação digital. Perante a diáspora, estes meios mantêm-se verdadeiramente regionais: quando os emigrantes vêm ao território, entram no radar noticioso; quando se vão, rareiam na agenda; há exceções, mas até algumas delas têm fontes locais na origem da notícia e não assentam numa rede informativa diaspórica.

A terceira nota, que decorre das anteriores, é que os emigrantes que na diáspora consomem estes *media* ficarão tendencialmente reduzidos à condição de público e não têm nos jornais regionais um meio de continuarem a integrar verdadeiramente a comunidade de origem. Na nossa teorização, considerámos que os *media* regionais e as comunidades construídas em torno da sua ação comunicativa têm tradicionalmente como característica específica (e distinta dos *media* nacionais) o facto de haver uma sobreposição territorial dos círculos constituídos pelos *atores sociais* mediatizáveis, pelos *jornalistas* no seu trabalho de mediatização e pelo *público* a que se destina o produto mediático. Ora, hoje essa sobreposição pode fazer-se em coordenadas espaço-temporais flexíveis, prolongando transnacionalmente o território da comunidade e fazendo dele um mesmo círculo, alargado à diáspora, de atores sociais, trabalho jornalístico e receção pública. Tal não acontece se uma parte (a diáspora) dessa comunidade potencial for excluída enquanto ator noticioso na maior parte do tempo e das circunstâncias das suas vidas, mantendo-se simplesmente como recetora da informação emanada da (ex-) comunidade de origem. Assim, apesar de a comunicação estar hoje facilitada, os meios de comunicação regionais analisados não demonstram recorrer a ferramentas que lhes podiam permitir, por exemplo, criar uma “rede de correspondentes” em cada um dos países (cf. Cardoso et al., 2016, p. 139), fazendo de cada leitor na diáspora um potencial correspondente, mas sobretudo aproximando-o do jornal e, por conseguinte, das suas origens.

São entendíveis os constrangimentos dos *media* locais e a limitação dos seus recursos para assumir tal projeto ou para vislumbrar um retorno económico a partir dele. Mas também nos parece que os problemas de público (e o seu envelhecimento) que assombram a imprensa regional, mais ainda nas regiões de baixa densidade, podem ter, no prolongamento do seu círculo comunitário, uma estratégia a delinear. Na fase atual, os dados desta pesquisa sugerem que os *media* regionais, mau grado a implantação persistente em gerações mais antigas da emigração, terão hoje uma capacidade bastante limitada para ocuparem um lugar significativo na multifacetada “diáspora digital” que é sobretudo ativada pelos fluxos de emigração mais recentes. Se a Internet, de um modo geral, e as redes sociais de forma particular, aumentaram as possibilidades dos emigrantes manterem um ligação ao seu país, não podemos esquecer que abriram

também as possibilidades de criação de conteúdos por parte dos próprios emigrantes, que aos poucos se reúnem em torno de páginas, blogues e grupos (cf. Alves, 2017, p. 53), criando eles próprios uma nova “diáspora digital”. Esta nova forma de organização da diáspora merece por isso ser estudada, uma vez que “os média produzidos pela diáspora são instituições sociais onde podemos ler amplamente como estas identidades se constroem e consolidam, mas igualmente como vivem e se expressam” (Ferreira, 2016, p. 24). Outro eixo que importa explorar em investigações futuras passa por um estudo sobre a forma como os leitores, ouvintes e telespectadores dos meios regionais percebem o retrato que é feito da emigração e em que medida a cobertura jornalística pode afetar a opinião que têm sobre a diáspora.

Referências bibliográficas

- Alonso, A. & Oiarzabal, P. (2010). *Diasporas in the New Media Age: identity, politics and community*. Reno: University of Nevada Press.
- Alves, A. (1984). *Presse régionale et émigration*. Louvain-la-Neuve: Cabay.
- Alves, A. T. (2017). Os sons da Lusofonia: contextos multiculturais do serviço público de rádio em Portugal e no Brasil. *Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação*, Universidade do Minho.
- Appadurai, A. (2000). *Modernity at Large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota.
- Archetti, C. (2019). Mapping Transnational Journalism in the Age of Flows: Or How I Ditched “Foreign Correspondence” and the “Immigrant Press” and Started to Love Histoire Croisée. *Journalism Studies*, vol. 20 (15), 2150-2166.
- Bolter, J. D. & Grusin, R. (2000). *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: MIT.
- Cardoso, G., Quintanilha, T., Crespo, M., Vieira, J., Mendonça, S. & Neves, M. (2016). *Os Novos Jornais. A Imprensa Escrita, Tendências e Prospetivas*. In G. Cardoso, C. Magno, T. Morais Soares & M. Crespo (Orgs.) *Modelos de Negócio e Comunicação Social: Legacy Media, Novos Media, “Telcos” e Start-ups Jornalísticas* (pp. 137-187), Coimbra: Edições Almedina.
- Castells, M. (2001). *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*. Oxford: Oxford University Press.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade*. Minerva: Coimbra.
- Correia, J. (1998). *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Correia, J. et al. (2014). *Agenda dos Cidadão. Jornalismo e Participação Cívica nos Media Portugueses*. Covilhã: Livros LabCom.
- Cunha, M. A. (2009). *Les Portugais de France face à leur télévision*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Ferreira, S. (2016). A emigração portuguesa e os seus meios de comunicação social. *OEm working papers*. Lisboa: Observatório da Emigração.
- Georgiou, M. (2007). Transnational crossroads for media and diaspora: three challenges for research. In O. Bailey, M. Georgiou e R. Harindranath (eds.), *Transnational Lives and the Media*. Hampshire: Palgrave.
- Giddens, A. (1991). *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.

- Jenkins, H., Ford, S. e Green, J. (2013). *Spreadable Media: Creating value and meaning in a networked culture*. Nova Iorque: NYU Press.
- Labella, L. I. (2010). *Manual de periodismo local*. Madrid: Fragua.
- Laguerre, M. (2010). Digital Diaspora: Definition and Models, in A. Alonso e P. Oiarzabal (eds.), *Diasporas in the New Media Age*. Reno: University of Nevada Press.
- Madianou, M. & Miller, D. (2012). *Migration and New Media: Transnational families and Polymedia*. Abingdon: Routledge.
- Ponzanesi, S. & Leurs, K. (2014). On digital crossings in Europe. *Crossings: Journal of Communication and Culture*, vol. 5 (1), 3-22.
- Robertson, R. (2000). *Globalization: Social theory and global culture*. Londres: Sage.
- Siapera, E. (2014). Diasporas and new media: Connections, identities, politics and affect. *Crossings: Journal of Communication and Culture*, vol. 5 (1), 173-178.
- Thompson, J. B. (2018). Mediated interaction in the digital age. *Media, Culture & Society*, vol. 37 (1), 3-28.
- Van Dijk, T. (1997). Semântica do discurso e ideologia. In E. Pedro (ed.), *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, pp.105-168.
- Vertovec, S. (1997). Three meanings of "Diaspora", exemplified among South Asian religions. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 6 (3), 266-277.